

**Musicacidade Brasileira: Notas para o estudo das representações da cidade na música.**

**Weslei Pinheiro<sup>1</sup>**

**Introdução**

No seguinte texto, que acreditamos ter um tom muito mais ensaístico e de elaboração de uma pesquisa futura, tentaremos levantar hipóteses a partir da análise de músicas nacionais que expressam vivências na cidade. Teremos em vista a compreensão de que compositor e receptor têm uma relação, e partilham de um determinado conjunto de ideias e noções de mundo que fazem com que o expresso na música toque na forma de enxergar o mundo de quem escuta.

Não seria suficiente, nesse caso olhar apenas para a produção musical, mas também para quem está recebendo a música e talvez esse possa ser um trabalho feito *a posteriori*, tentar compreender a partir de categorias colhidas das músicas que representam grupos sociais, ir a campo tentar cruzar essas duas ideias, tentando entender qual a ideia de cidade e qual a compreensão que as pessoas têm do meio urbano. Por ora nossa possibilidade é de iniciar um levantamento sobre as perspectivas musicais e vivências da cidade. Teremos muito mais um esboço do que um projeto acabado, ainda pretendemos elaborar melhores recortes e enquadramentos para que possamos construir uma metodologia que possibilite a feitura de tal pesquisa.

Para expressarmos nossas ideias pensamos em elaborar nosso texto em três quatro partes. Primeiro tentaremos elaborar o que compreendemos como realidade social e quais são as possibilidades de compreendê-la, pois acreditamos que apenas a partir desse breve debate sobre como a realidade social é construída e interpretada podemos dar um passo a diante e elaborar uma possível pesquisa. O segundo ponto será o de explicitação da cidade enquanto o nosso objeto e campo de pesquisa, pois será acerca da vida nela mesma que iremos nos debruçar. Em seguida tentaremos justificar o uso da música enquanto objeto discursivo de nossa análise, pois é a partir dela que tentaremos levantar ideias acerca da cidade. Por fim nos propomos a fazer a interpretação de algumas músicas que têm como tema a cidade, para nos ambientarmos e compreendermos a possibilidade de nossa empresa.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

### **Como compreendemos a realidade social?**

Ao fazermos ciências sociais temos uma grande preocupação que se deriva em pequenos objetos. Nossos estudos miram sempre para compreensão/entendimento/apreensão da realidade social. Porém, o que podemos chamar de realidade social? Existe uma realidade que não seja a social? Penso que essas são perguntas que as respostas sempre são e serão insuficientes. A feitura da ciência, como nos lembra Weber em seu texto clássico *A ciência como vocação*, aponta sempre para um movimento de superação e de não conclusão. Essa afirmação se torna mais verdadeira quando estudamos a sociedade ou os fenômenos que nela acontecem, pois tanto a sociedade quanto seus agentes são fluídos, mudam a cada instante.

As ciências sociais têm de lidar com um fato, talvez um dos poucos que existem em ciências humanas, de que suas interpretações nunca são eternamente válidas e não dão conta da totalidade. Talvez isso tenha feito Antônio Candido afirmar que para ele a ciência social/sociologia era apenas um ponto de vista. Um ponto de vista que é erigido a partir dos olhos do pesquisador, dessa forma, a ciência é, além de um ponto de vista, sempre um ponto de vista parcial, pois pode apenas expressar até onde o pesquisador conseguiu observar. Ao falarmos de ciência social é muito difícil falarmos em verdade, estamos sempre fazendo referência a determinadas perspectivas. A realidade social, diferente da realidade natural, é construída e reconstruída pelos sujeitos que a vivem, ela é ao mesmo tempo vivida e construída, interpretada e reinterpretada.

Nas ciências da natureza ou exatas podemos afirmar que existem fatos, e eles são aquilo de mais inquestionável em qualquer estudo de ciência dura. Em ciências sociais essa afirmação é carregada de uma série de complicações, lancemos vista para o autor dos fatos, Durkheim. Mesmo quando Durkheim afirma que o objeto das ciências sociais são os fatos ele está fazendo referência apenas o que há de mais geral na sociedade e em busca de uma objetividade que pode ser questionada. Realmente o autor estudou alguns fatos sociais, pois é inquestionável que exista suicídio, é inquestionável que exista divisão do trabalho social ou até mesmo que exista o sagrado e o profano. Mas quando nos preocupamos em definir os fatos estamos, talvez, nos esquecendo do movimento de reconstrução da realidade social. Os sujeitos, no seu cotidiano dão significado e sentido para as coisas que vivem, eles atribuem valor para as experiências, para tudo, ou quase tudo que ocorre em suas vidas. Ou seja, a realidade social não se finda no fato, pois findar qualquer apreensão no fato seria demonstrar apenas aquilo que é imutável e afirmar apenas sua existência, a leitura durkheiminiana ignora, em certa medida, as interpretações dos sujeitos acerca do mundo em que vivem.

Seminário FESPSP 2017 - Incertezas do trabalho  
02 a 05 de outubro de 2017  
GT 01- Antropologia Urbana

Não estamos a afirmar que a elaboração científica da sociologia de Durkheim esteja equivocada, ela é um ponto de vista e dos mais válido, o que estamos dizendo é que talvez ela consiga captar apenas uma parte do que é a realidade social, ela pega aquilo que há de mais geral e universal na realidade social. Não atoa seria ele, junto de Mauss e Saussure as maiores influências de Levi-Strauss. Há algo que falte nessa perspectiva? Não há algo que falte, mas algo a que essa apreensão/compreensão da realidade não se propõe a captar. Acredito que a realidade social ainda se desdobra em mais dois níveis além dos fatos, seriam eles a interpretação e o discurso.

No nível da interpretação se aproximaria de uma ciência mais fenomenológica, que procura compreender a especificidade de cada caso. Busca-se não as estruturas, mas os sentidos impressos pelos agentes às ações que estão acontecendo em sua volta. Dessa forma, a interpretação vai de encontro ao fato para negar sua noção de explicação finita. Ao aceitarmos a interpretação como um elemento constitutivo da realidade social compreendemos que não podemos esgotar ou chegar a uma interpretação que esgote as explicações possíveis acerca de um fenômeno ou um dado. A interpretação é como lente utilizada pelos sujeitos que vem carregadas de todas seus valores e dizem respeito a como este enxerga o mundo. E quando procuramos compreender os fenômenos a partir da interpretação procuramos não apenas suas causas, mas também suas significações

Por fim temos o discurso. Esse é o ponto onde fato e interpretação se unem, pois os sujeitos procuram, não apenas compreender, mas transmitir e reproduzir o mundo, de forma que suas ideias sejam cognoscíveis. É nesse momento, de elaboração discursiva, que os sujeitos podem escolher excluir seus valores, ou então imprimi-los de maneira mais vívida. Acerca das experiências de outrem, a não ser que estejamos muito próximos deles e imerso em um mesmo caldo cultural, temos acesso apenas ao que nos é dito/mostrado, nada mais. E é a forma de conhecimento da realidade social com a qual temos contato cotidianamente, pois temos acesso integral apenas à nossa própria interpretação do mundo, dos fatos (das coisas do mundo e do mundo ele mesmo) temos acesso apenas ao que é acessível por nossas experiências, que nos tornam também limitados. Ficamos, muitas vezes, presos ao que nos é dito/demonstrado por outrem e a partir de nossas experiências passadas somos capazes de fazer algum juízo sobre o que foi dito e o discurso se torna alvo de nossas interpretações, porém, nunca repousa novamente nos fatos.

Seguindo essa constituição tripartite da realidade social percebemos que as formas de compreender o mundo não carecem apenas do experienciar e também percebemos que não

falamos em realidade social, mas de realidades sociais, que têm inúmeras formas de expressão. A realidade se expressa por meio das próprias relações cotidianas, pelas estruturas legais e de governo, pela sistematização científica, pelas expressões artísticas e por mais inúmeras formas de impressão de ponto de vista sobre a realidade. Aonde quer que haja homens haverá uma reconstrução da realidade e essa reconstrução por si só é rica em símbolos, signos e significados que, não podem para serem compreendidos, mas são passíveis de compreensão.

### **Como a cidade entra nesse jogo?**

A partir dessa estruturação da realidade social, que se expressa de forma distinta em múltiplos discursos, indagamos como a cidade se enquadra nessa perspectiva. Bom, a cidade se apresenta com um fato, ela mesma é um fato por termos como ponto de partida a sua existência, por sua materialidade. Mas a cidade é mais do que, como nos lembra Weber, “um assentamento fechado (pelo menos relativamente), um “povoado, e não de uma ou várias moradias isoladas” (WEBER, 2012, p. 408), talvez esse seja um dos poucos fatos que se pode levantar sobre a cidade. É o local de moradia permanente, onde os homens constroem suas vidas, seus locais de trabalho e tentam organizar de acordo com a cultura local – templos, meios de reprodução da vida etc.

Mesmo sendo um fato a cidade é ainda uma construção dos homens e é o espaço aonde a própria cultura dos homens vai se desenvolver, então não é suficiente afirmar que ela é um aglomerado. A cidade, nos trilhos da história, foi construída em torno daquilo que os homens consideravam importante, e sua organização carrega certo significado simbólico pela própria organização. Tomemos como exemplo a antiguidade Grega, a organização da cidade se dava em Acrópole, Ágora, Porto e Zona Rural, o âmbito religioso e palácio de governantes ao topo, na acrópole, o espaço de cidadania e de trocas entre iguais – trocas materiais e de ideias – era onde a política se fazia, ficava no centro da cidade ou o que chamavam os gregos de cidade baixa, a zona rural era basicamente onde se produzia alimentação e formas de reprodução da vida, mas já estava para lá das muralhas da cidade, também fora dos muros da cidade estaria, por vezes os portos, o lugar onde estariam os estrangeiros e os comerciantes que vinham de fora. A organização da antiga cidade Grega demonstra, em alguma medida, de maneira breve, pelo local das construções e pelas fortificações construídas que se deve defender os líderes e os Deuses, que a ágora é o espaço da igualdade entre os concidadãos, então a política e a religião ocupam lugar de suma importância para eles, diferente da

Seminário FESPSP 2017 - Incertezas do trabalho  
02 a 05 de outubro de 2017  
GT 01- Antropologia Urbana

manutenção da vida propiciada pela zona rural e que muitas vezes vem do porto, esses seriam campos da necessidade, e menos importantes.

Talvez tenha me estendido com o caso grego da organização da cidade, mas o que quis demonstrar, em linhas gerais, é que a organização da cidade representa o pensamento dos homens ou da sociedade. Aquilo que merece ser protegido e o que não merece, o que merece ficar próximo e o que deve ficar distante. Então em sua construção física, que é o ponto mais próximo do fato, vislumbramos já as elaborações simbólicas dos homens. Bom, a cidade não é um acaso, ela é uma construção. Se por um lado ela é uma construção que expira certa racionalidade em sua formulação, ela também é construída conceitualmente pelos sujeitos que vivem nela, ela é vivida na experiência dos sujeitos e os sujeitos contam histórias sobre a própria cidade, sobre sua vida na cidade.

Compreender o sentido que os sujeitos dão para a cidade foi uma tarefa que, por exemplo, a Escola de Chicago teve em vista, através de seus estudos “culturalistas”. Becker em uma de suas conferências traz uma citação de Parker que demonstra a motivação para os estudos da cidade “ hoje, o mundo inteiro vive na cidade ou está a caminho da cidade; então, se estudarmos a cidade poderemos compreender o que se passa no mundo” (PARKER, apud BECKER, 1996 p. 180). A cidade é a forma como o homem organiza sua vida, trabalho, lazer, comunicação, locomoção. Mas e os sentidos que eles atribuem a isso? Quais as perspectivas que os indivíduos têm sobre o lugar onde vivem? Como os homens representam a cidade?

Comumente uma pesquisa que se volta ao estudo do sentido que os homens dão a determinada coisa desce às ruas e executa sua pesquisa em campo, tentando compreender como os homens vivem seu cotidiano, tentando emergir na cultura de determinado grupo social e tenta compreender o significado que a cidade tem para eles. Aqui nossa proposta será diferente, não iremos ao campo em sentido tradicional, nosso meio de análise será muito mais “documental”, procuraremos as representações e as ideias sobre a cidade em um emaranhado de construções simbólicas erigidas pelos homens, tentaremos compreender como o homem representa a cidade a partir da música. Pois a música é um dos meios pelos quais os homens se expressam; é tanto artística, como, em certa medida, uma forma de expressão do “senso comum”. A música possibilita-nos dois caminhos, um mais conceitual que é o de descrição da cidade o que ela é a partir da perspectiva de quem canta e um outro, que é também muitíssimo interessante, o do sentimento em relação a cidade. Então nessa perspectiva abre-se a

possibilidade de encontrar a visão e a sensação em relação a cidade. Mas para isso temos mais uma pergunta essencial.

### **De onde podem surgir os conceitos?**

A obra de arte aparece como uma tríplice realidade; ela é mimética, representativa e autônoma. Mimética pois em certa medida é uma cópia da realidade social, toma a realidade como seu ponto de partida; representação pois expressa algo que não a si própria, cria relações e traços do externo com o interno; autônoma pois ela também expressa uma realidade própria. A obra de arte, de maneira geral, enquanto uma criação dos homens vive um dilema, e isso é discutido desde os primórdios da filosofia até a sociologia contemporânea, do que chamamos de liberdade relativa.

Dito isso, apontaremos para duas coisas, que as características que irão sobressair na arte dependem, por um lado do autor, que irá produzir o objeto artístico e do receptor, que irá interpretá-lo. O autor é responsável pela criação expressiva da arte mas ela não se encerra nesse processo, como o emissor de uma mensagem, o interprete é o receptor da obra, aquele que, quando posto frente a frente com a obra, irá atribuir sentido para o que foi feito – essa atribuição de sentido é a junção da perspectiva de mundo do autor com a daquele que contempla. A arte aparece, assim como toda linguagem, enquanto um emaranhado de possibilidades.

Quando lançamos vista sobre a música temos como opção as três possibilidades de interpretação da mesma, vê-la como mimesis (imitação), representação (expressa a realidade e mais algo) e autônoma (consegue criar um mundo próprio). Mas essas três dimensões não são estanques e separadas, elas se sobrepõe, não só na música, como em toda produção artística. Ao fazermos uma leitura social dos discursos que a música nos transmite, iremos deixar em segundo plano as características autônomas da arte, não por considerarmos ela menos importante ou de menor valor, faremos isso por um processo metodológico, que seria o de compreender as imagens de realidade que a música transmite. Então procuraremos algo além da leitura exegética, procuraremos uma interpretação mais hermenêutica que une o mundo do ouvinte ao mundo do ouvido.

Então nos voltaremos para a arte mimética e a arte representativa. Quando lançamos mão dessas duas perspectivas estamos mais preocupados com a realidade existente na ficção do que com a ficção enquanto uma realidade em si. A arte surge, como um meio de expressar a realidade de forma estética. A arte não é mera cópia, ela é ela mesma uma

interpretação da realidade, expressão de uma possibilidade do real. Apresenta a realidade para aquele que está a sua frente, ou que está ouvindo-a. As artes, das literárias até as cinematográficas, têm o potencial de nos apresentar algo com que não temos contato, ou até mesmo nos apresentar uma nova perspectiva sobre algo que já conhecemos.

Ao tomar a música como objeto, partilhamos de uma certa opinião, de que ela carece de uma alta representatividade para que sua reprodutibilidade alcance grandes públicos. E nesse sentido utilizamos representatividade da mesma forma que ela é usada politicamente, a música passa a ser escutada pelo seu público a depender do gosto pelo estilo musical e pela identificação com ele. Em certa medida, a música, como arte mais popular e de maior facilidade de reprodução, acaba também sendo entre todas as artes, a que tem maior capacidade de criar um estilo de vida. Não é pouco comum vermos pessoas se definirem pelos seus estilos musicais e isso, em certa medida, acontece por ela ser a arte mais presente no cotidiano das pessoas.

O que dissemos acima pode ser explicado, pelo menos no Brasil, pela origem de cada música. Quando nos referimos a determinados estilos musicais, é comum que façamos referência também a seu berço, um exemplo claro. Ao falarmos de Funk ou Rap, estamos, inevitavelmente falando de periferia, pelo menos em um primeiro momento. Ao falarmos de sertanejo pensamos sempre uma relação mais próxima com a vida no campo. E outros estilos musicais que acabam criando um recorte de classe, um recorte territorial e regional também não nos é estranho. Os pontos mais centrais estão muitas vezes mais envoltos pela música pop, e por uma cultura internacional. Existem possibilidades ímpares de avaliação do gosto musical.

Afirmamos que a música representa e também expressa um certo imaginário coletivo de determinados grupos acerca de determinados assuntos. Por que isso acontece? Pois elas são produzidas e surgem desses espaços, e como não há sujeito que esteja em sociedade e não partilhe dela os seus *mores* seria impensável imaginar uma cultura emergente de determinado local e em meio à um número de pessoas que não dialogasse, em certa medida, com quem está a sua volta. Ao surgirem em espaços determinados elas tendem a ser produzidas para tocar ao público que está próximo territorialmente. Então, o estilo musical expressa, pelo menos minimamente, o imaginário, o modo de vida e certa perspectiva de seu lugar de partida e de seu público alvo.

Seminário FESPSP 2017 - Incertezas do trabalho  
02 a 05 de outubro de 2017  
GT 01- Antropologia Urbana

Então, além da criação individual do autor da música, a representatividade da música expressa os sonhos, vontades e realidades de um determinado grupo social. Isso por que a música, principalmente por seu aspecto de efemeridade, precisa colar no público de forma que ela seja consumida constantemente. Então a música não se compõe apenas de ritmo e harmonia, mas também de ideias, imaginário essas que ampliam nossa possibilidade de julgamento sobre esse elemento cultural. Nesse imaginário construído e reconstruído pela música encontramos alguns conceitos e ideias que fazem referência ao mundo em que estamos e sobre nós mesmos. Isso faz com que a própria poesia da música se torne um objeto potencial para o cientista social.

O cientista social pode tentar compreender a realidade e reconstruir a realidade por algumas vias, seja entrevista com pessoas que viveram a experiência a ser estudada, seja por meio da própria vivência do que está acontecendo (algo mais próximo da antropologia) ou então por uma reconstrução histórica da realidade social. O cientista social, ao efetuar uma entrevista, procura elementos que sanem seu problema de pesquisa, então ele espera retirar da fala do “nativo” respostas para um problema pré-estabelecido, ou então esperar surgir um problema a ser solucionado das próprias falas. A ciência social se desdobra, a partir da pesquisa, então em uma busca por uma explicação de dado fenômeno e acreditamos que por meio da coleta, sistematização e interpretação de dados chegamos à resultados metodologicamente comprováveis, e por isso, mais próximo da realidade possível. Mas temos que passar sempre por um caminho cercado por inúmeras complicações, quando fazemos pesquisa com entrevista, ou as conhecidas pesquisas qualitativas, muitas vezes temos acesso apenas àquilo que os indivíduos nos contam, e esse contar é permeado por uma seletividade do próprio indivíduo, por isso a construção do conhecimento da ciência social é sempre parcial.

Percebemos então que o discurso dos sujeitos que colaboram com a pesquisa é uma ligação com determinada realidade social, não necessariamente a realidade ela mesma. Já que a busca por conhecimento é uma tentativa de compreensão e interpretação do ponto de vista do outro, principalmente na antropologia, temos aí uma possibilidade de interlocução entre a Música e a própria coleta de dados para o conhecimento social, aonde a música nos oferece alguns elementos dos discursos popularizados acerca da realidade. A música, em alguma medida nos oferece um ponto de vista sobre o mundo de um determinado grupo, classe e espaço social, não porque ele seja minuciosamente colhido e disseminado, como a ciência, mas porque ela surge e dialoga cotidianamente com os homens que estão no mundo,



ela surge desses mesmos homens, seja como senso comum, como crítica social, ela exagera uma existência para o mundo das formas e do ritmo.

Deixamos claro que uma análise de estilos musicais não possibilita-nos chegar à uma grande definição objetiva e única que substitua todo e qualquer conhecimento acerca do fato que a cidade é, mas nos possibilita olhar para diferentes perspectivas a partir de uma mesma linguagem. Em nossa proposta a música apareceria como uma forma de expressão rica em conceitos e noções da realidade social de determinados grupos e também de determinadas regiões. Esse estudo nos possibilita um primeiro contato e aproximação de realidades e perspectivas distintas, organizando uma espécie de *bricolage* da realidade social, um diálogo entre interpretações que daria lugar à representação pura de um dado grupo.

### **Elementos musicais e vivências da cidade**

Tratarei, como disse, não da música de maneira técnica e especializada, me limitarei a analisar sua composição, ou poesia, e os grupos sociais que essas composições dizem respeito. Como disse acima, a música que se enquadra em um estilo musical atinge um determinado público e esse público é receptor de uma mensagem e também, algumas vezes, participante de uma mesma visão de mundo. Carregamos como hipótese que a música tem em si um *ethos* que a liga com seu lugar de partida e com as pessoas que escutam.

Iniciaremos de uma forma um tanto lúdica, tentaremos demonstrar com mais clareza nossa ideia a partir de uma das músicas da peça *Saltimbancos*, que retrata a história de quatro animais que fogem de seus donos e procuram uma vida melhor na cidade como cantores. A música que trataremos aqui é a música *Cidade Ideal*, interpretada por Chico Buarque, porém, nos atentaremos mais à introdução dessa música:

[Introdução]

Jumento: Àquela altura da estrada já éramos quatro amigos

Queríamos fazer um conjunto, bem.

Queríamos ir juntos à cidade, muito bem.

Só que, à medida que a gente ia caminhando,

Quando começamos a falar dessa cidade, fui percebendo

Que os meus amigos tinham ideias bem esquisitas sobre o que é uma cidade. Umhas ideias atrapalhadas, cada ilusão. Negócio de louco...

(BUARQUE, 1977)

A partir desse momento cachorro, galinha, gato e jumento começam a descrever o que seria uma cidade ideal para cada um deles, levantando o melhor para si, o cachorro ilustra uma cidade repleta de postes, a gata uma cidade que tem comida por toda parte, a galinha esperava apenas minhocas nas ruas. Pelo fato de nenhum dos animais antropomorfizados

Seminário FESPSP 2017 - Incertezas do trabalho  
02 a 05 de outubro de 2017  
GT 01- Antropologia Urbana

conhecerem a cidade, pois nunca terem ido a ela, imaginavam o que bem queriam, sonhavam com a cidade que queriam ter, a cidade é explicitado nesse caso como um sonho, que é desfeito pelo jumento quando em sua estrofe diz:

Jumento:  
Jumento é velho, velho e sabido  
E por isso já está prevenido  
A cidade é uma estranha senhora que hoje sorri e amanhã te devora (BUARQUE, 1977)

O jumento, na peça já demonstra uma perspectiva, para aquele que não é natural da cidade, o que não está afeiçoado com sua “facticidade”. O jumento, demonstra uma interpretação possível sobre a cidade, que é permeada de contradições, por esse motivo ele à descreve como uma senhora que hoje sorri e a amanhã te devora. A cidade no contexto das personagens da peça é o lugar do sonho, a busca de uma nova vida, aparece como o horizonte, o sonho de uma nova realidade, mas também pode ser aonde seus sonhos serão destruídos.

Essa música, mesmo sendo metafórica e um ponto de partida, já os enuncia três perspectivas que procuraremos trabalhar de maneira melhor a partir de outras músicas: a cidade impessoal que não diferencia os indivíduos e aonde as relações são frias, como pinta Georg Simmel; por outro lado a questão do direito e o pertencimento a cidade, duas questões que são importantes para o desenvolvimento do espaço urbano; e por último a cidade como a antiga dicotomia entre o campo e cidade, o moderno e o atrasado.

Passemos a um exemplo musical que expresse uma das inúmeras interpretações possíveis acerca da cidade. Tomaremos como o discurso mais geral possível sobre a cidade a música de Chico Science e Nação Zumbi, *A cidade*. Nessa música temos uma expressão crítica sobre o que é a cidade e em nosso levantamento de músicas percebemos duas variantes, as músicas que se referem sobre cidades são, em sua maioria de crivo crítico, mas quando as músicas são sobre cidades específicas e têm como tema central a cidade, elas são prestigiosas com as cidades retratadas. Mas no caso de Chico Science vemos uma crítica social sobre o espaço urbano. Fazemos breves apontamentos sobre a letra:

O sol nasce e ilumina  
As pedras evoluídas  
Que cresceram com a força  
De pedreiros suicidas  
Cavaleiros circulam  
Vigiando as pessoas  
Não importa se são ruins  
Nem importa se são boas  
(NAÇÃO ZUMBI, 1994)

Seminário FESPSP 2017 - Incertezas do trabalho  
02 a 05 de outubro de 2017  
GT 01- Antropologia Urbana

Nessa primeira estrofe percebemos, de saída o posicionamento do compositor sobre a cidade como algo elevado, como evoluído, mas que carrega em si o sangue de quem às deu forma, os pedreiros que constroem a cidade e são postos em condições precárias. E as quatro últimas frases fazem uma referência à cidade como uma espécie de espaço panóptico, onde os indivíduos estão em constante condição de observação, todos vistos e visíveis. E a música continua:

E a cidade se apresenta  
Centro das ambições  
Para mendigos ou ricos  
E outras armações  
Coletivos, automóveis,  
Motos e metrô  
Trabalhadores, patrões,  
Policiais, camelôs  
(NAÇÃO ZUMBI, 1994)

A música aponta em direção a algo que se chamaria, sociologicamente, de cidade do capital, local das relações monetárias e construída com base de ambições, e ambições não em um sentido perverso, mas no sentido de busca por algo. Mas ela também é a cidade da desigualdade, expressando em uma mesma frase como aqueles que perseguem algo os mendigos e os ricos, a música vai sendo construída a partir das dicotomias, dos dois extremos de cada situação, o coletivo e o individual, o que uma teoria mais marxista chamaria de oprimidos e opressores, e até mesmo a lei e o crime. O autor tornará a reforçar a noção da cidade desigual e dicotômica no refrão da música onde afirmará que: “ A cidade não para, a cidade só cresce, o de cima sobe e o de baixo desce”.

E acredito que essa música em sua expressividade geral e crítica nos abre porta para entrarmos em um outro estilo musical, Chico Science pinta uma cidade desvirtuada, pois ela se mostra como uma nova possibilidade, uma nova perspectiva de vida, mas ao mesmo tempo que ela oferece isso ela também ilude os que vão buscar um futuro nela, pois: “A cidade se encontra prostituída por aqueles que a usaram em busca de uma saída. Ilusora de pessoas”

Então abrimos espaço para trazer uma perspectiva muito mais específica e que está enraizada na antiga dicotomia do rural e do urbano. A perspectiva do sertanejo sobre a cidade está intrinsicamente ligada a certa relação de saudade que deixou para trás e também de infelicidade no meio urbano. Tomaremos aqui como exemplo músicas interpretadas por Chitãozinho e Xororó. O ritmo sertanejo, que é uma derivação da moda de viola é conhecido por descrever a vida do homem no campo e também por contar histórias. A moda de viola,

Seminário FESPSP 2017 - Incertezas do trabalho  
02 a 05 de outubro de 2017  
GT 01- Antropologia Urbana

nas cidades de interior era feita normalmente como uma forma de lazer em reuniões de amigos e ali eles partilhavam experiências do seu cotidiano, do seu dia-a-dia. Mas quando a moda de viola passa a se tornar o sertanejo ela já vem se aproximando dos grandes centros urbanos, saindo dos interiores e alcançando capilaridade nas rádios das cidades, mas sem perder sua grande afinidade com o homem do interior, o homem da roça.

Podemos tentar demonstrar o ponto de vista expresso pela música sertanejo a partir, por exemplo, da música *Caboclo na Cidade*, que trata da vida de um rancheiro que troca a vida no campo pela vida na cidade. Então esse homem vende seu campo e escolhe morar na cidade, e em sua narrativa demonstra como era feliz no campo, suas necessidades eram atendidas pelo seu próprio trabalho e terra. A ida a cidade era sazonal, ia para vender o que produzia a cada 15 ou 20 dias. A vida era voltada mesmo para o trabalho que ele demonstra ser prazeroso. Mas ao vender seu sítio vai morar na cidade e nos termos da própria música essa é a experiência:

Na cidade eu só ia a cada quinze ou vinte dias pra vender queijo na feira.  
E no mais estava folgado todo dia era feriado pescava a semana inteira.  
Muita gente assim me diz que não tem mesmo raiz essa tal felicidade  
Então aconteceu isso resolvi vender o sítio e vir morar na cidade.

Já faz mais de doze anos que eu aqui já to morando como eu to arrependido.  
Aqui tudo é diferente não me dou com essa gente vivo muito aborrecido.  
Não ganho nem pra comer já não sei o que fazer to ficando quase louco.  
É só luxo e vaidade penso até que a cidade não é lugar de caboclo.  
(CHITÃOZINHO & XORORÓ, 2015)

Esse momento de transição expressa, minimamente a dificuldade de inserção do *caboclo* na cidade a vida urbana acabou não sendo para ele uma vida muito proveitosa, perdeu aquilo com que tinha mais relação, que é a terra e a natureza. As relações na cidade são diferentes das do campo para ele. Toda sua família acabou se adaptando com a vinda para a cidade, mas ele ficou deslocado e ao concluir sua história ele diz que

Voltar "pra" Minas Gerais sei que agora não dá mais acabou o meu dinheiro.  
Que saudade da palhoça eu sonho com a minha roça no triângulo mineiro.  
Nem sei como se deu isso quando eu vendi o sítio para vir morar na cidade.  
Seu moço naquele dia eu vendi minha família e a minha felicidade!  
(CHITÃOZINHO & XORORÓ, 2015)

Então fica uma sensação de não pertencimento expressa pelo homem do campo, uma sensação profunda de infelicidade, porque a vida do caipira ou caboclo é dotada de um outro modo de agir e de se comportar que o coloca em ligação direta com o mundo, na cidade as coisas são muito mais frias e isso fica expresso em outra música, *Saudade de minha terra*,

Seminário FESPSP 2017 - Incertezas do trabalho  
02 a 05 de outubro de 2017  
GT 01- Antropologia Urbana

que também expressa a infelicidade do homem do campo que mora na cidade, principalmente nas duas primeiras estrofes

De que me adianta viver na cidade  
Se a felicidade não me acompanhar  
Adeus, paulistinha do meu coração  
Lá pro meu sertão, eu quero voltar  
Ver a madrugada, quando a passarada  
Fazendo alvorada, começa a cantar  
Com satisfação, arreio o burrão  
Cortando estradão, saio a galopar  
E vou escutando o gado berrando  
Sabiá cantando no jequitibá

Por Nossa Senhora,  
Meu sertão querido  
Vivo arrependido por ter deixado  
Esta nova vida aqui na cidade  
De tanta saudade, eu tenho chorado  
Aqui tem alguém, diz  
Que me quer bem  
Mas não me convém,  
eu tenho pensado  
eu fico com pena, mas esta morena  
não sabe o sistema que eu fui criado  
To aqui cantando, de longe escutando  
Alguém está chorando,  
Com rádio ligado  
(CHITÃOZINHO & XORORÓ, 2007)

A música sertaneja acaba por expressar o homem como um sujeito que não pertence à cidade exatamente por aquilo que ela não é. A cidade não é o campo, então não possibilita os mesmos modos de vida que o campo propicia. Uma relação mais próxima daquilo que o sertanejo considera prazeroso, a relação com a natureza e com a cultura em que foi criado. Isso acaba expressando até mesmo não receber bem os cuidados daqueles que estão na cidade e a dificuldade da assimilação de um novo modo de vida. Porém, esse saudosismo e não enquadramento à vida na cidade não é demonstrado apenas pelos ritmos do forró, mas também pelo forró. Se lembrarmos do *Lamento Sertanejo* de Dominginhos, perceberemos que a cidade é o espaço que contraria quem veio lá do sertão, a vida na cidade é, no sertanejo e no forró em alguma medida demonstrada como uma vida muito agitada, rebuscada e luxos. Dominginhos termina sua música dizendo que o sertanejo na cidade é como “rês desgarrada nessa multidão, boiada caminhando a esmo” (DOMINGUINHOS, 2000). A visão que a música sertaneja imprime à vida na cidade é equivalente às vivências e experiências de uma vida que vê a cidade como um lugar que exclui, que é representado não pelas relações pessoais, mas impessoais. Mas o não pertencimento não é característico apenas do sertanejo.

Seminário FESPSP 2017 - Incertezas do trabalho  
02 a 05 de outubro de 2017  
GT 01- Antropologia Urbana

O último estilo que nos propomos lançar vista seria o rap. Nele está inscrito uma crítica social que diz respeito à desigualdade, pobreza e também é característico por seu estilo narrativo da trajetória de vida. O rap está também ligado a seu local de origem, suas letras dirão, pelo menos em alguma medida, respeito à um determinado ponto de vista sobre o mundo das pessoas que estão na periferia e o rap acaba sendo uma forma de expressar esse ponto de vista, que não diz respeito a todos os pontos de vista da periferia, mas exprime pelo menos uma parte de como os sujeitos veem a cidade.

Tenhamos em vista uma passagem da música *Negro Drama* dos Racionais Mc's para tentarmos compreender a visão que o rap expressa sobre a vida urbana e a cidade:

Daria um filme  
Uma negra  
E uma criança nos braços  
Solitária na floresta  
De concreto e aço

Veja  
Olha outra vez  
O rosto na multidão  
A multidão é um monstro  
Sem rosto e coração

Ei, São Paulo  
Terra de arranha-céu  
A garoa rasga a carne  
É a Torre de Babel

Família brasileira  
Dois contra o mundo  
Mãe solteira  
De um promissor  
Vagabundo  
(RACIONAIS MC's, 2002)

Nessa perspectiva se esboça algo além da forma de viver que deriva da cidade, vemos que se tem um desenho estrutural de como é a cidade, uma floresta de concreto e aço, onde a mãe do sujeito que narra se encontrava solitária, mas não apenas ela, está solitária, acaba que todos estão. Mais uma vez vemos surgir a imagem da multidão, mas a multidão surge agora não como rebanho e sim como um monstro sem rosto e coração. Essa multidão é também fria e sem sentimento, onde – para continuar falando sobre rap – “as pessoas se esbarram na rua e se maltratam” (CRIOLO, 2016). Mano Brown faz referência à Torre de Babel, demonstrando que na cidade as pessoas não falam a mesma língua, e até mesmo nem se falam, pois isso não é o mais importante, na vida dinâmica da cidade e sobretudo de uma cidade desigual como a São Paulo expressa nas músicas dos Racionais o que menos importa

Seminário FESPSP 2017 - Incertezas do trabalho  
02 a 05 de outubro de 2017  
GT 01- Antropologia Urbana

são as pessoas, fazendo com que em uma passagem de *Vida Loka parte II*, os MC's afirmem que "Deus em São Paulo é uma nota de 100" (RACIONAIS MC's, 2002).

Nas músicas dos racionais MC's aparece também uma dicotomia, mas não a mesma do Sertanejo do campo e da cidade, a dicotomia da pobreza e riqueza, expressasse uma visão possível sobre a desigualdade entre bairros nobres e a periferia. A música tenta nos demonstrar como a própria conformação da cidade gera uma exclusão social e a partir dela mais uma série de problemas sociais. Essas querelas ficam visíveis a partir da música *Fim de Semana no Parque*. Faremos referência à duas estrofes da música, uma que representa o fim de semana dos mais abastados e outra que representa o fim de semana na periferia.

(Edi Rock)  
Olha só aquele clube que da hora.  
Olha aquela quadra, olha aquele campo Olha,  
Olha quanta gente  
Tem sorveteria cinema piscina quente  
Olha quanto boy, olha quanta mina  
Afoga essa vaca dentro da piscina  
Tem corrida de kart dá pra ver  
é igualzinho o que eu ví ontem na Tv,  
Olha só aquele clube que da hora,  
Olha o pretinho vendo tudo do lado de fora  
nem se lembra do dinheiro que tem que levar  
Pro seu pai bem louco gritando dentro do bar  
nem se lembra de ontem de onde o futuro  
ele apenas sonha através do muro... (RACIONAIS MC's, 1993)

Nesse trecho cantado por Edi Rock, percebemos que demonstra-se uma certa conformação do espaço urbano, não de maneira clara e evidente, mas de maneira sutil, onde o garoto da periferia vislumbra o modo de vida do que eles chamam de "playboyzada". Os garotos da periferia lançam seus olhares sobre o lazer da vida de condomínio e na impossibilidade de ter acesso às mesmas coisas podem apenas sonhar. E logo do outro lado do muro a realidade é bem diferente, não é tão feliz, com piscina, kart, quadras e tudo mais, e Mano Brown na estrofe seguinte demonstra como se constitui o espaço da favela

(Mano Brown)  
Milhares de casas amontoadas ruas de terra  
esse é o morro a minha área me espera  
gritaria na feira (vamos chegando !)  
Pode crer eu gosto disso mais calor humano  
Na periferia a alegria é igual  
é quase meio dia a euforia é geral  
É lá que moram meus irmãos meus amigos  
E a maioria por aqui se parece comigo  
E eu também sou bam bam bam e o que manda O pessoal  
desde às 10 da manhã está no samba Preste  
atenção no repique atenção no acorde (Como é que é Mano Brown ?)  
Pode crer pela ordem

Seminário FESPSP 2017 - Incertezas do trabalho  
02 a 05 de outubro de 2017  
GT 01- Antropologia Urbana

A número número 1 em baixa-renda da cidade Comunidade Zona Sul é dignidade  
Tem um corpo no escadão a tiazinha desse o morro  
Polícia a morte, polícia socorro  
Aqui não vejo nenhum clube poliesportivo  
Pra molecada frequentar nenhum incentivo  
O investimento no lazer é muito escasso  
O centro comunitário é um fracasso  
Mas aí se quiser se destruir está no lugar certo  
Tem bebida e cocaína sempre por perto  
A cada esquina 100 200 metros  
Nem sempre é bom ser esperto  
Schimth, Taurus, Rossi, Dreyer ou Campari  
Pronúncia agradável  
estrago inevitável  
Nomes estrangeiros que estão no nosso morro pra  
matar e M.E.R.D.A.  
Como se fosse ontem ainda me lembro  
7 horas sábado 4 de Dezembro  
Uma bala uma moto com 2 imbecis  
Mataram nosso mano que fazia o morro mais feliz  
E indiretamente ainda faz,  
mano Rogério esteja em paz  
Vigiando lá de cima  
A molecada do Parque Regina  
(RACIONAIS MC's, 1993)

Aqui, em oposição à área mais nobre da cidade Brown retrata a parte periférica da cidade. Em seu retrato a periferia é composta por um conflito, por um lado o pertencimento e a alegria que dela surge, das relações próximas entre aqueles que vivem ali, por outro lado demonstra seu lado trágico que é o da violência, o da falta de estrutura e permeada por drogas, assassinatos e violência. E essa mistura faz com que a vida nesse espaço em que há um sentimento de pertencimento não seja tão boa como poderia ser, o potencial que poderia surgir do espaço da periferia acaba por ser destruído por sua negatividade e uma vida melhor fica legada aos sonhos dos garotos que observam do outro lado do muro, na perspectiva dos autores.

**Orientações para uma pesquisa futura:**

As ideias aqui demonstradas, as músicas selecionadas podem não representar uma amostra significável, ou nem mesmo representar uma leitura completa e ampla do que é a vida na cidade, mas enquanto gêneros e estilos musicais apontam para formas de viver e forma de fazer. As músicas aqui analisadas tiveram em comum a demonstração de uma cidade como lugar de pouco calor, que não é necessariamente acolhedora, onde as relações são muito mais dinâmicas, econômicas e velozes do que em qualquer outra.

Tentamos muito mais construir e vislumbrar uma possibilidade de compreensão do discurso dos estilos musicais e tentar compreender de que forma eles nos transmitem uma



Seminário FESPSP 2017 - Incertezas do trabalho  
02 a 05 de outubro de 2017  
GT 01- Antropologia Urbana

vivência da vida na cidade, conseguimos apreender certas ideias que foram transmitidas pelos discursos. Na música sertaneja, que teve seu recorte temporal referente a produções feitas na década de 80, mas reproduzidas nos tempos atuais, percebemos que a relação com a cidade traz uma sensação de infelicidade, por conta de uma distanciação de um modo de vida e de uma criação que vem carregada de outros hábitos e costumes. A forma como os personagens da música sertaneja se colocam no mundo diz pouco respeito à vida urbana, não necessariamente a distinção entre o urbano e o rural como o arcaico e o moderno é o importante, mas a relação com a própria natureza, uma afinidade com a beleza natural e com o contato direto que a cidade urbana não propicia. Uma relação direta com as coisas e com as pessoas que são dotadas de um certo sentimento mais profundo.

O Rap por ser expressão da vida na periferia nos aponta para uma direção que tem suas relações e distanciamos com o sertanejo. Ele expressa também uma infelicidade, mas não uma infelicidade que diz respeito à saudade e o retorno à tempos ou lugares passados, a periferia tem seu espaço na cidade, um espaço de exclusão, o local onde a pobreza se constrói e se vê sonhos sendo almeçados, mas também sendo perdidos. A relação que o rap expressa é a de um sujeito que mesmo nascendo na cidade e no espaço urbano não consegue se sentir totalmente inserido nela. Há relações sociais que demonstram ao personagem da narrativa do rapper que ele não é melhor acolhido em determinados lugares que em outros, mas mesmo esse lugar que ele é acolhido é permeado por perigos que derivam da falta de estrutura. Ele demonstra uma periferia constituído de negros e pobres que ao chegarem na cidade se sentem em uma “selva de concreto e aço”, onde o que gera valorização é o dinheiro, a nota de 100, esse é o aspecto que limita, em parte, o pertencimento dessa parcela da sociedade ao grande centro, ou até mesmo à uma estrutura de lazer melhor do que as que lhes são oferecidas. Então no rap não é o passado melhor que se busca, mas um futuro que produza inserção e equidade.

O caminho que seguimos e que pode ser seguido na elaboração de um projeto de pesquisa sobre as representações acerca da cidade ou do espaço urbano é muito mais o caminho das vivências e experiências da cidade do que o caminho da estrutura que a constitui, ou seja, muito mais no caminho daquilo que chamamos de interpretação e discurso do que do fato. Não que esse último seja ignorado, pois é a partir dele que as coisas se desenrolam, mas quando olhamos para os estilos musicais, eles estão criando um discurso, e uma determinada imagem, não só do que é o espaço urbano, mas também de quem é esse sujeito que está infeliz com a cidade. Isso não é um fato pelo simples motivo desses sujeito criados pelos estilos musicais não serem os únicos presentes na nossa realidade, em uma pesquisa mais ampla

podemos também partir para análise de músicas que homenageiam a cidade e ali veremos inscritas outras perspectivas acerca da cidade, que não dizem respeito aos personagens que demonstramos aqui.

Acredito que para um estudo mais amplo seria interessante coletarmos o maior número possível de músicas de determinado gênero e estilo que tratam da temática da vida na cidade e da vida urbana, como, em tese, partilhariam de pontos de vista e pontos de partida próximos, elas podem nos oferecer uma elaboração mais sustentável sobre a vivência de determinado grupo social na cidade. Mas pode nos oferecer, também, um vislumbre sobre uma possível perspectiva dos consumidores de determinado estilos sobre o estilo musical, o que talvez nos possibilitasse fazer uma articulação entre o levantamento de experiências e categorias da música e o cruzamento com entrevista com os receptores dessas músicas. Mas essas são possibilidades que se abrem para uma futura pesquisa que as notas aqui expostas podem produzir.

#### **Referências Bibliográficas:**

ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: Editora 34, 2015.

DURKHEIM, E. **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1973

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. 22ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. 20ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

RICOEUR, P. **Tempo e Narrativa**. Vol. 1. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010

RICOEUR, P. **Tempo e Narrativa**. Vol. 2. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010

WEBER, M. **Ciência e Política**: Duas vocações. São Paulo, Cultrix, 2011.

WEBER, M. **Economia e Sociedade**. Vol. 1. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014

WEBER, M. **Economia e Sociedade**. Vol. 2. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014.

**Referência Musicográfica:**

CHICO BUARQUE. A cidade ideal. **Os Saltimbancos**. São Paulo, Universal, 1977

CHITÃOZINHO & XORORÓ. Caboclo na cidade. **A arte de Chitãozinho e Xororó**. São Paulo, Universal, 2005.

CHITÃOZINHO & XORORÓ. Saudade da minha terra. **Grandes Clássicos Sertanejo I**. São Paulo, Skyblue Music Brasil, 2007

CRIOLO. Ainda há tempo. **Ainda há tempo**. São Paulo, Oloko, 2016.

DOMINGUINHOS, Lamento Sertanejo. **Ao Vivo**. São Paulo, Universal. 2000.

NAÇÃO ZUMBI. A cidade. **Da Lama ao Caos**. Recife, Chaos, 1994.

RACIONAIS MC's. Negro drama. **Nada como um dia após o outro dia**. São Paulo, Boogie Naípe, 2002.

RACIONAIS MC's. Vida Loka pt.2. **Nada como um dia após o outro dia**. São Paulo, Boogie Naípe, 2002.

RACIONAIS MC's. Fim de semana no parque. **Raio X do Brasil**. São Paulo, Zimbabwe Records, 1993.